

Tomás Quental

*(Con)textos
açorianos*

*(Con)textos açorianos
Tomás Quental*

para aqueles lados da cidade e, possivelmente, aproveitavam para ali comprarem fruta e legumes.

A Casa “Vaquinha”, como a conheci, encerrou para sempre as suas portas, encerrando um tempo muito próprio, com o falecimento do seu proprietário, Eduardo Manuel Machado de Sousa, que herdou este tradicional estabelecimento do seu pai, uma família muito simpática que morava nas proximidades da Rua da Mãe de Deus e que era oriunda da freguesia da Fajã de Baixo.

A Casa “Vaquinha” emprestava particular tipicidade à Rua do Mercado e era uma das últimas “reliquias” do comércio tradicional de Ponta Delgada. Infelizmente, acabou.



A Casa Vaquinha, mesmo em frente da Escola Preparatória Roberto Ivens, era um estabelecimento único no seu género.

Militar de Abril amigo dos Açores

O militar que é considerado o ideólogo da Revolução do 25 de Abril de 1974, Ernesto Augusto Melo Antunes, passou pelos Açores, pela ilha de São Miguel, na altura muito novo, então alferes ou tenente. Há quem se recorde dele a viver em Ponta Delgada.

Melo Antunes (1933-1999), natural de Lisboa, foi colocado em serviço no Quartel-General de Ponta Delgada, instalado no Forte de São Brás, acabando por se integrar na sociedade micalense, embora mais tarde regressasse ao Continente.

Como já li, era o militar mais culto e mais bem preparado intelectualmente entre todos os que se envolveram no movimento que conduziu ao derrube da ditadura. Era um homem de ideais mas moderado, tanto que se envolveu, também, no movimento militar do 25 de Novembro de 1975, que colocou o processo revolucionário na sua matriz original, com vista à instauração de uma democracia moderna e plural, como hoje temos.

Melo Antunes, que terminou a sua carreira militar como coronel, expressou-se no Correio dos Açores, antes de 1974, em defesa de uma autonomia político-administrativa para os Açores, uma posição muito arrojada para a altura, em pleno regime do Estado Novo, autocrático e centralizador, que ele já

contestava.

Ernesto Melo Antunes foi também administrador do Externato do Infante, instituição de ensino secundário particular, entretanto extinta, que prestou relevantes serviços à ilha de São Miguel. Numa carta que enviou à então Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, Melo Antunes realçava a “senda encetada” pelo Externato “de contribuir para o progresso da nossa terra”, uma prova do seu empenho na vida local.

Além de tudo isso, Melo Antunes foi um melómano, tendo promovido várias sessões de música clássica, gravada em disco, o único meio possível naquele tempo, no então Liceu Nacional de Antero de Quental. Essas sessões de divulgação da música erudita eram muito concorridas, transformando-se em momentos de agradável convívio, como já me referiram.

Não conheci pessoalmente Ernesto Melo Antunes, mas estive em reportagem jornalística na Igreja de São Pedro de Sintra quando ele faleceu. Prestaram-lhe homenagem muitas figuras de todos os quadrantes da política, da cultura e da economia. Compareceram também pessoas dos Açores, como era natural que acontecesse.

À porta da vetusta Igreja de São Pedro de Sintra, um templo pequeno mas muito belo, alguém disse com emoção: “Morreu um grande português e um grande amigo dos Açores!”. Não esqueci essa expressão, que sintetiza a personalidade de Melo Antunes.

Penso ser justo e oportuno trazer aqui o eco dessa homenagem à memória de Ernesto Melo Antunes, um nome que não deve ser esquecido nas nossas ilhas, particularmente em São Miguel, onde viveu durante vários anos, integrou-se na sociedade local, deixou família e pugnou por uma autonomia polí-

tico-administrativa para os Açores. Quando se elaborar uma história da autonomia açoriana, estou certo que o seu nome não deixará de constar, como um democrata e um autonomista, embora não fosse natural destas ilhas.